

*
Crítica: *Helena Katz*

REGULAR

Cidade Incerta garante a qualidade do Balé da Cidade

Foram duas estreias no programa que o Balé da Cidade dançou no Teatro Municipal de São Paulo, semana passada, no Festival de Dança que lá acontece no mês de julho: *Cidade Incerta*, do português André Mesquita, e *Nos Outros*, de Lara Pinheiro, a diretora artística da companhia. O fato de terem sido reunidas em um mesmo espetáculo evidenciou uma questão incômoda, que diz respeito a *Nos Outros*.

Não estivesse justamente ao lado de *Cidade Incerta*, e *Nos Outros* poderia ter parecido somente frágil. Teria apenas revelado que o pouco traquejo de sua autora em coreografar para elen-

cos do porte do que compõe o Balé da Cidade de São Paulo, de fato, constitui algo mais espesso do que o risco habitual que cerca qualquer projeto de nova criação. No meio profissional, é senso comum que coreografar para companhias oficiais de dança exige quase que uma habilidade específica. Não basta ser coreógrafo, pois a familiaridade com aquele tipo de ambiente, nesse caso, constitui mesmo um pré-requisito. E, como tudo o que se refere a corpo, também essa familiaridade leva tempo para se transformar em conhecimento.

O trabalho é problemático já na sua conceituação. Diz que “se debruça sobre a ideia de acúmulo de informações e experiências que retemos no corpo”, quando estes dois verbos, tanto o “acumular” como o “reter”, não descrevem bem o que acontece com um corpo na sua lida com as informações. Porque as informações estão sempre em um fluxo de contágios com outras informações, do qual não escapam nem aquelas que têm maior dominância no corpo, que não conseguem ficar lá “retidas”.

Apesar de mal apresentada, a proposta de Lara Pinheiro teria sido instigante se tivesse conseguido realizar-se. Mas, ao invés de se dedicar a explorar coreograficamente as coleções de movimentos

daqueles competentes profissionais, treinados no rodízio de linguagens artísticas que compõem o seu dia a dia, Lara Pinheiro apenas enfileirou movimentos em frases e agrupou essas frases em blocos, em um exercício de copiar/colar que serve como (mau) exemplo de que coreografar é bem diferente de grudar um movimento depois do outro. Além disso, o mais grave é o ar de reciclagem que vai perpassando esta montagem, materializando uma incômoda percepção de que boa parte pertence ao já visto. Desta estrutura, que lembra as “seções independentes” de uma loja de departamentos sem perfil próprio, não escapam nem os deslizamentos que identificam *Cidade Incerta*, de André Mesquita.

Divineia, ao contrário, tem, de fato, uma assinatura. Composta por Jorge Garcia em 2001, hoje, porque já se passaram dez anos, pode ser lida como uma carta de intenções bem escrita do que viria a nortear o seu percurso criativo. Inspirada em um pátio do ex-Carandiru, e dançada por 8 homens, equilibra as tensões que propõe, com um ajuste na medida certa entre movimentos e objetos daquele cotidiano e movimentos de dança.

Cidade Incerta foi composta pelo coreógrafo português André Mesquita, que ganhou, em 2009, o

Uncontainable II, concurso para revelar jovens coreógrafos realizado pelo Real Ballet de Flandres em Bruxelas, na Bélgica. André fundou, em 2006, no Centro Cultural de Cartaxo, Portugal, com Teresa Alves da Silva, ex-bailarina do extinto Ballet Gulbenkian, a TOK’ART, uma plataforma (e não uma companhia) de criação de dança contemporânea.

Pelo que aqui mostrou, seu interesse parece ser o de explorar o movimento naquilo que de físico o constitui. Lida com o tipo de movimento mais habitualmente produzido em companhias oficiais, e que traz de sua atuação como bailarino na Companhia Nacional de Bailados, ou do grupo oficial da cidade de Hildesheim, na Alemanha. Com a herança dos vocabulários comuns a esse tipo de companhia, André Mesquita se inscreve em uma linhagem de coreógrafos que, muito provavelmente, vai fazer avançar a tradição da qual faz parte, e que é justamente a de saber coreografar para instituições como o Balé da Cidade de São Paulo. Com foco no modo como os códigos corporais conhecidos podem ser ditos de novo, demonstra habilidade para materializar nos corpos dos bailarinos a dramaturgia que lhe interessa propor.